

IMPRESSÕES DA CIDADE: PERCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE UMA AULA-PASSEIO EM ITAPORANGA D'AJUDA

Ane Luíse Silva Mecenass Santos¹ Página | 123
Magno Francisco de Jesus Santos²

RESUMO

Nos últimos anos, o ensino de História passou por um processo de renovação. As aulas antes restritas ao tripé quadro/giz/livro didático tiveram seu leque de possibilidades ampliado, com as inovações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Partindo desta perspectiva, o presente trabalho tem o objetivo de estudar as possibilidades de uso da cidade de Itaporanga d'Ajuda como recurso nas aulas de História. Cravada às margens do rio Vaza-Barris, Itaporanga ainda hoje preserva seu patrimônio material e imaterial, com um considerável acervo arquitetônico, ruas estreitas e sinuosas, grupos folclóricos e solenidades religiosas que rematam dos tempos do Império. Todo esse potencial histórico pode ser usado como recurso nas aulas de História. Para isso, foi realizado o levantamento das potencialidades da cidade, adequando-as aos conteúdos de história do ensino fundamental. Temáticas como a colonização portuguesa, a invasão holandesa, formação da sociedade colonial, o ciclo do açúcar, política, mobiliarquia e o barroco podem ser discutidos pelas ruas da cidade. Todas essas questões podem ser articuladas com os conteúdos de outras disciplinas, promovendo o diálogo interdisciplinar, como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Palavras chave: Ensino, História, Itaporanga d'Ajuda.

Introdução

Extrapolar os limites da sala de aula é um dos desafios atuais dos professores. A partir da inserção de novas temáticas em seu conteúdo, o ensino de história passa a galgar novos anseios. Nesta perspectiva, a aula-passeio emerge como um mecanismo eficaz na aproximação do aluno com sua realidade.

Nos últimos anos a educação brasileira passou por diversas transformações, motivadas principalmente pela aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Outro motivo propiciador dessas mudanças é a inovação no campo das ciências e práticas pedagógicas. Tanto as ciências, quanto o

¹ Doutoranda em História pela UNISINOS. Professora de História da Rede de Ensino do Estado de Sergipe.

² Doutor em História pela UFF. Professor da rede Municipal de ensino de Itaporanga d'Ajuda-Se. coordenador do Projeto Memórias e Saberes: o patrimônio cultural de Itaporanga d'Ajuda.

ensino buscam cada vez ampliar os horizontes metodológicos através do diálogo transdisciplinar.

Tomando a história como referência do campo científico, percebemos que nas últimas décadas ocorreu uma verdadeira revolução metodológica. Com a Nova História ou movimento dos Annales, todo o passado vivido pelo homem passa a ser objeto de estudo. Hoje é possível encontrar a história dos mais variados aspectos da sociedade como a lágrima, os sonhos, o medo, o imaginário, o cotidiano e a morte. A história busca compreender a sociedade de corpo e alma. Quanto às fontes históricas, ocorreu uma verdadeira explosão documental, levando-se em consideração que tudo que foi produzido ou tocado pelo homem em algum período é documento.

Segundo os pressupostos da Nova História documento pode ser entendido como tudo aquilo que o homem produz e toca. É importante ressaltar que o documento é analisado pelo historiador de acordo com os seus interesses e, construído intencionalmente no passado. Conforme descreve Le Goff:

O documento é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produzem, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulada, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é um monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprio. (LE GOFF, 1996, p. 548).

O documento pode ser visto enquanto resquícios, vozes do passado que chegam até os ouvidos dos historiadores. A escassez de fontes não deve ser vista como obstáculos para a realização da pesquisa, pelo contrário, deve servir como estímulo para análise minuciosa dos registros existentes.

No tocante a educação já foi o tempo em que o ensino de história se restringia exclusivamente na exposição de datas, fatos e heróis pelo professor. O tripé dessa exposição era a base do ensino tradicional de história, que a tornava uma disciplina “decorativa” e pouco atrativa.

Esse modelo arcaico de ensino vem sendo gradativamente substituído por práticas inovadoras, que visam maior dinamização no processo de produção do conhecimento histórico. As inovações são decorrentes dos novos modelos metodológicos que emergiram durante o século XX. A primeira foi com o movimento dos Annales, que foi

explicitado e a segunda foi no campo da metodologia do ensino, com a proposta construtivista.

Com esse novo pressuposto a educação ganha uma nova dimensão e torna professores e alunos agentes ativos na construção do conhecimento. O conhecimento também é modificado, deixando de ser departamental para ser universal, transdisciplinar. Com tamanha transformação, o ambiente escolar passa a ser limitado na construção do conhecimento. Hoje, as ruas, as estradas, as construções e os rios podem ser usados como recursos didáticos, ou seja, tornaram-se salas de aula. O conhecimento transdisciplinar não pode mais ficar restrito entre os muros da escola, o mundo é o limite.

Apesar dos conceitos de educação terem passado por importantes renovações, também é perceptível que sua aplicação muitas vezes esbarra na falta de empenho dos profissionais de educação, do esclarecimento da população e da escassez de recursos. Devemos lembrar que uma aula-passeio a qualquer cidade demanda recursos consideráveis e por esse motivo deve ser aproveitada por todas as disciplinas. Além disso, a realidade em foco (a cidade a se visitada) está atrelada aos conhecimentos de diferentes áreas. Por esse motivo, a aula-passeio deve ser multidisciplinar, ou seja, os múltiplos olhares devem interagir na construção do conhecimento.

A aula-visita além de aumentar a interação entre professores e alunos, é uma oportunidade de valorizar a cidade com recurso didático, proporcionadora de múltiplas leituras. Para Argan:

A cidade, como sistema de informação, não pode limitar-se a transmitir notícias características e publicitárias. É uma entidade política que deve transmitir o sentido do seu caráter político, e não vemos como possa fazê-lo se não justificar o seu caráter político e histórico. E como faz parte da história da cidade a gestão capitalista, não apenas negativa, mas também contraditória em relação a todas as tradições culturais urbanas: os crimes da especulação, o escândalo das casas sem gente e da gente sem casas, o caótico congestionamento do tráfego, a insuficiência dos serviços sociais e do verde, a escassa mobilidade da cidadania, devido à dificuldade dos escritórios, a mediocridade cultural, etc. (ARGON, 1998, p.250)

O objetivo desse estudo é relatar as experiências com a realização de aulas para a cidade de Itaporanga d'Ajuda, Sergipe, discutindo a importância do uso da cidade como recurso didático nas aulas de História. No decorrer do ano letivo de 2007 foram realizadas cinco aulas, envolvendo os alunos da Escola Municipal Maria das Graças Souza Garcez, localizada no centro da cidade. Além disso, realizamos outras atividades

com os alunos, na perspectiva de despertar a atenção dos mesmos para a descoberta do patrimônio imaterial do município, principalmente sob o enfoque do folclore.

A realização das aulas-passeios com alunos do próprio município serviu para mostrar novos olhares, para rerepresentar a cidade natal. Trata-se, portanto, da descoberta do núcleo urbano pelo aluno da zona rural, no qual quase tudo era novidade. Para os alunos da própria cidade, propiciamos uma leitura diferenciada, um novo olhar sobre o seu habitat e a problematização das paisagens já naturalizadas, proporcionando-lhe uma redescoberta de seu entorno.

Mesmo ocorrendo na mesma cidade, as aulas seguiram itinerários distintos. Nas primeiras aulas resolvemos seguir um itinerário mais ortodoxo, partindo do prédio da escola para o centro da cidade, passando pelos prédios públicos e religiosos edificadas às margens do rio. Nas aulas seguintes, resolvemos buscar entender a cidade por outros ângulos, evidenciando outras possibilidades de entender a cidade em processo de produção e reprodução, a dinamicidade do núcleo urbano.

Como se pode perceber, a aula-passeio é uma aula de descobertas (SAMPAIO, 1996) e de redescobertas. A cidade enquanto recurso didático é uma potencialidade riquíssima. A aula-passeio pode revelar o “outro”, como também reafirmar o “eu”. Mesmo segundo o mesmo roteiro as percepções da cidade são distintas. Mostra dessas diferentes observações dos alunos são os relatórios produzidos após a aula. Cada aluno revelou o que lhe causou maior impacto, o que viu de novo. Assim, enquanto a maioria tratou de enaltecer de enaltecer a questão patrimonial, um aluno surpreendeu ao revelar a decepção por ver o lixo pelas ruas e uma senhora jogando resíduos no rio Vaza-Barris.

No entanto, Itaporanga d’Ajuda não possui só história. A cidade apresenta um importante painel sobre a formação do espaço urbano, com problemas decorrentes do crescimento populacional desordenado, com poluição e desmatamento, além de ser berço relevante da literatura, do folclore e da cultura. É impossível andar pela cidade sem se questionar o porquê das ruas tortuosas e enladeiradas, com acentuadas angulações. O espaço urbano também é uma verdadeira mostra de formas geométricas, dos elementos culturais, de estilos de arte, bem como de problemas sociais e ambientais. Andar pelas ruas itaporanguenses, além de ser um aprazível exercício físico, é uma verdadeira aula, alegre, dinâmica e comprometida com o conhecimento. A cidade comunica.

1. Preparativos da aula-passeio

A aula-passeio não significa meramente viajar com os alunos, sem preocupações e de forma aleatória. Mesmo buscando propiciar uma aula diferenciada e prazerosa, não deve ser esquecida que se trata de uma aula e que deve ser bem planejada para evitar que a aula-passeio seja bruscamente transformada em uma aula-pesadelo. A preparação é longa e requer uma série de cuidados.

No caso estudado, os preparativos tiveram início com a discussão para a escolha da cidade a ser visitada, que envolveu alunos e professores. Na escolha da cidade deve ser observada uma série de questões como a viabilidade financeira, o potencial interdisciplinar dos locais visitados, o interesse dos alunos e o tempo. Todavia, no referido caso, o que determinou a escolha da cidade foi a inviabilidade em relizar um passeio para outra localidade, em decorrência da falta de apoio e recursos. Inicialmente almejávamos realizar uma aula-passeio em São Cristóvão, localizada a pouco mais de quinze quilômetros de Itaporanga, mas em três anos de tentativas, nada conseguimos. Foi então que resolvemos lançar nossos olhares sobre o nosso próprio município, proporcionando uma redescoberta do entorno escolar.

Escolhida a cidade, inicia-se a preparação dos textos para os alunos. O aluno deve começar a descobrir a cidade ainda na sala de aula. Foram discutidos textos literários que tratavam sobre a Itaporanga de outrora. Nesta ocasião, cada professor deve explicar os aspectos atinentes à sua disciplina que serão observados no decorrer da aula-passeio. O aluno deve ser instigado para através da imaginação e em seguida observação possa construir o conhecimento. E também é necessário adverti-los quanto aos cuidados com o patrimônio e com o lixo produzido.

Concomitantemente a redação e discussão dos textos ocorreram os preparativos burocráticos, com a confirmação do horário de visitas das instituições. É importante confeccionar um cronograma das atividades a serem desenvolvidas.

2. A aula-passeio

Todos os preparativos acabam por despertar nos alunos algumas expectativas. É comum que eles fiquem ansiosos para o grande dia. Talvez esta seja uma das poucas ocasiões em que os alunos seguem o que está predisposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois os mesmos estão realmente com vontade de aprender.

No dia da viagem, medidas simples como a listagem e contagem dos alunos podem evitar sérios problemas. Já pensou nos problemas causados ao esquecer algum

aluno pelas ruas da cidade visitada? Outra medida preventiva é evitar os roteiros que incluam banhos perigosos (praias, rios, lagos ou piscinas) A aula-passeio não pode se tornar aula-tragédia.

Estas foram apenas duas opções, que poderiam ser totalmente diferentes. A cidade é dinâmica e apresenta um vasto leque de situações que podem ser observados. Opções não faltam.

Após a aula-passeio é o momento de avaliar os impactos causados nos alunos. Discussões em sala de aula e a redação de relatórios podem ajudar a demonstrar os aspectos positivos e negativos da viagem, evidenciando as diferentes leituras que cada aluno fez da paisagem observada. É a hora do aluno romper o silêncio e relatar as suas surpresas e frustrações com a aula-passeio. Sobre o encantamento que a aula-descoberta pode causar, Mauré Luiz Bessegatto sintetiza:

O silêncio carregado de encantamento é de uma sonoridade ruidosa. A partir desta interação, da provocação desta interjeição não somos mais um educador patrimonial, pois a idéia se multiplica, sem a obrigação ordinária, mas pessoas comprometidas com o processo educativo (BESSEGATTO, 2005, p.53).

3. Representações da cidade

Encantamento e vislumbre. Os relatórios produzidos pelos alunos após as aulas-passeio constituem uma mostra das ricas possibilidades de uso da cidade como recurso didático. Trata-se de múltiplos olhares voltados para cidade, questionando-se do que já encontrava-se naturalizado, maravilhando-se com a sensualidade e história gravada pelas ruas, ou simplesmente provocando novas discussões sobre o processo de povoação.

Como resultante das aulas extra-classes realizadas nas ruas de Itaporanga foram produzidas mais de duzentos relatórios pelos alunos de quinta a oitava séries do ensino fundamental. Esse lócus documental pode ser visto como um importante mecanismo de compreensão das diferentes representações atribuídas à cidade. São provocações de encantamento e de estranhamento a respeito da realidade que os envolvem, que podem propiciar reflexões frutíferas.

Considerações finais

O brilho nos olhares dos alunos ao contemplarem a cidade demonstra que extrapolar os limites da sala de aula no ensino de história é viável e gratificante. As

experiências discutidas neste estudo demonstraram o prazer dos alunos ao descobrir o novo, o diferente, como também em redescobrir a sua cidade com um novo olhar, ou simplesmente, por um ângulo ainda não observado, pouco convencional.

As experiências educativas tiveram por objetivo incentivar o posicionamento crítico e reflexivo entre os alunos, como também estimular o (re)pensar das atitudes de depredação ou de descaso com o patrimônio local. As atividades desenvolvidas tiveram como meta principal contribuir para a valorização do patrimônio cultural e formação de uma memória e identidade social.

Diante de tantas possibilidades de discussões imbricadas na cidade, o ensino da história não tem como permanecer exclusivamente restrito às barreiras da sala de aula. Se houver boa preparação, a aula-visita pode se tornar uma verdadeira aula de descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio Augusto (Org.) **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARGAN, Guilio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Gustavo Neiva. **Goiás: uma reflexão sobre a formação do espaço urbano**. Goiânia: Editora UCG, 1996.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1997.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira, GRUNBERG, Evelina e MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

LE GOFF, Jacques. “Documento Monumento”. In: **História e memória**. Trad. Bernardo Leite. 2 ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1996.

MANIQUE, Antônio Pedro e PROENÇA, Maria Cândida. **Didática da história local**. Lisboa: Texto Editora, 1994.

NASCIMENTO, José Anderson. **Sergipe e seus monumentos**. Aracaju: J. Andrade, 1981.

NUNES, Maria Thetis. A vida urbana na capitania de Sergipe Del Rey. In: _____. **Sergipe Colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996. p. 170-215.

PEREIRA, Sônia Gomes. O estado da questão do urbanismo colonial português na historiografia atual brasileira. IN: FLEXOR, Maria Helena O. (org.) **A arte no mundo português dos séculos XVI ao XIX: confrontos, permanências, mutações**. IV Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. Salvador: Museu de Arte Sacra/ UFBA. 1998. P. 539-557.

PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/ aprender história: questões de didática aplicada**. Lisboa: Livros Horizontes, 1990.

RAMINELLI, Ronald. Simbolismos do espaço urbano colonial. In: VAIFAS, Ronaldo. **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 1992.

SAMPAIO, Marta Helena. **Testemunho do barroco em Sergipe: estudo sobre o patrimônio histórico e o desenvolvimento do turismo em São Cristóvão (2000-2004)**. Monografia de Conclusão do Curso de História. São Cristóvão: UFS/CECH/DHI, 2004.

SAMPAIO, Rosa Maria W. A aula-passeio transformando-se em aula de descobertas. In: ELIAS, M. C. (org). **Pedagogia Froinit**. Campinas-SP: Papirus, 1996. p.179-193.

SIMÃO, Maria Cristina e ROCHA, Maria Cristina. **Preservação do patrimônio em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Artigo recebido em 12 de maio de 2015.

Aprovado em 09 de junho de 2015.